

**CADERNOS DE LANZAROTE E AS PEQUENAS MEMÓRIAS:  
JOSÉ SARAMAGO E AS INTERAÇÕES ENTRE DIÁRIO E  
MEMÓRIA**

**CADERNOS DE LANZAROTE AND AS PEQUENAS MEMÓRIAS: JOSÉ  
SARAMAGO AND THE INTERACTIONS BETWEEN DIARY AND  
MEMORY**

*Margarete Santos<sup>1\*</sup>*

**RESUMO**

Neste artigo apresenta-se uma reflexão retomando aspectos pertinentes à escrita autobiográfica nos *Cadernos de Lanzarote* de José Saramago, correspondentes ao período de 1993 até 1997, conectando elementos memorialísticos prenunciadores de sua obra *As pequenas memórias*, publicada em 2006. No caso, os registros cotidianos que caracterizam o modelo dos diários são marcados por elementos de subjetividade quando, em muitos momentos, o autor recorda sua infância e sua relação com a família refletindo sobre o presente e revelando a pretensão de converter suas lembranças em uma obra de base memorialística. Dessa forma, constrói-se uma relação entre a escrita de si nos diários e suas conexões literárias guiadas pelo espaço da memória integrando passado (sua infância e origem familiar), presente (os relatos cotidianos dos diários) e futuro (a inspiração para as memórias) que se justificam nas próprias reiterações feitas pelo autor nos diários. Assim, os *Cadernos* apresentam marcas subjetivadas extrapolando a condição meramente autobiográfica ao configurar uma narrativa sublimada por suas recordações. Nesse intuito, a investigação traz um breve paralelo entre a escrita de si e o espaço da memória como condição de criação literária ao interligar os *Cadernos de Lanzarote* e *As pequenas memórias*.

**Palavras-chave:** Diário, Memória, Escrita de si, *As pequenas memórias*.

**ABSTRACT**

This article examines José Saramago's autobiographic writing in *Diaries of Lanzarote* between the period of 1993 and 1997, in connection to foreshadowing use of memory in *Small Memories*, from 2006. The daily entries that characterize the journals' model are marked by elements of subjectivity, as when Saramago remembers his childhood and his relationship with his family, reflecting on the present and revealing a desire to convert his memories into a memoir-based work. In this way, a relationship between the self-writing of the diaries and their literary connections is constructed, guided by the space of memory, integrating past (the author's childhood and family origins), present (the daily journals) and future (the memories' inspiration)—justified by the very reiterations made by the author in the journals. Thus, the Diaries present subjective marks, extrapolating from the merely autobiographical to create a narrative sublimated by memories. This investigation proposes a parallel between the act of writing *per si* and the space of memory as a condition for literary creation unifying both of Saramago's pieces, *Diaries of Lanzarote* and *Small Memories*.

**Keywords:** Journal, Memory, Self-Writing, *Small Memories*.

---

1 \* MARGARETE SANTOS é doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestrado em Letras pela UNESP – São José do Rio Preto. Atuou como professora da rede estadual e municipal de Uberlândia (MG) e no ensino superior como professora de língua portuguesa nos cursos de Direito, Pedagogia e Serviço Social da Faculdade Católica de Uberlândia / PUC-Minas. Atuou na PG com pesquisa em Teoria Literária (alegoria, ironia e literatura infanto-juvenil).



## **A escrita da vida: diário e memórias**

Os *Cadernos de Lanzarote* e *Cadernos de Lanzarote II* constituem os diários de José Saramago em duas publicações, a primeira referindo-se aos anos de 1993 até 1995 (diários I – III) e a segunda aos anos de 1996 e 1997 (diários IV – V), em que se desvelam o universo literário do autor compondo seu cotidiano, sendo o leitor, por meio dessa interação, envolto nas mais diversas situações vivenciadas por ele. Assim, entre os relatos dos seus compromissos sociais e pessoais, das suas relações com grandes personalidades da época e grandes escritores, dos seus anseios para criações futuras e do seu convívio com a companheira Pilar del Rio, configuram-se os registros diários integrados às linhas memorialísticas. Em suas palavras de 22 de maio de 1994, o autor corrobora esse sentido autorreferencial da memória: “Para isso serve a memória, para conservar vivos os que o mereceram, a lembrança de um bom homem. Que é, no fim de todas as contas, o único que vale a pena ter sido” (SARAMAGO, 1998, p. 296-297). Nesse intuito autobiográfico, descobre-se, de acordo com Molloy, o sentido do eu na escrita de si: “[...] mais modestamente, quais as fabulações a que recorre uma escrita de si em um certo espaço, em um certo tempo e em uma certa linguagem, e o que estas fabulações nos dizem sobre a literatura e a cultura a que pertencem” (MOLLOY, 2003, p.14). No caso da escrita de si nos diários de Saramago, a construção autobiográfica alia-se ao espaço da memória que, com sua potência participativa, reconstrói os fatos do presente pela contaminação subjetiva da recordação. Nesse universo autobiográfico, Blanchot aponta que:

o diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. (BLANCHOT, 2013, p. 270).

Embora a cronologia tradicional marque o registro dos acontecimentos, o que ocorre, em muitos momentos retomados nos *Cadernos*, é uma narrativa memorialística reconstruindo uma nova história de si por meio das lembranças que se vão configurando aos relatos de cada dia. Os *Cadernos* atuam dessa forma, como se fossem pretextos para reflexões sobre as mais distintas circunstâncias, tal como afirma o autor em 2 de fevereiro de 1994:

Habitamos fisicamente um espaço, mas, sentimentalmente, habitamos uma memória. Quando precisei descrever o último ano da vida de Ricardo Reis, tive de voltar atrás cinquenta anos da minha vida para imaginar, a partir das minhas recordações daquele tempo, a Lisboa que teria sido a de Fernando Pessoa, sabendo de antemão que em pouquíssimo poderiam coincidir duas ideias de cidades tão diferentes; a do adolescente que eu fui, fechado na sua condição social e na sua timidez, e a do poeta lúcido e genial que frequentou, como seu direito de natureza, as regiões mais altas do espírito. (SARAMAGO, 1998, p. 207).

A retomada do passado é marcante para a escrita de si, pois, mesmo que o diário esteja comprometido com os registros cronológicos, ocorre o resgate de acontecimentos passados inseridos no presente ou influenciadores das experiências e reflexões relatadas. A construção memorialística nesse contexto ocorre de forma que, segundo Sarlo, “[...] o tempo apropriado da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*” (SARLO, 2007, p.10, grifos da autora), fato que compactua com as ideias do autor no registro de 24 de fevereiro de 1995:

Para mim, filosoficamente (se posso ter a pretensão de usar tal palavra), o presente não existe. Só o tempo passado é que é tempo *reconhecível* – o tempo que *vem*, porque *vai*, não se detém, não fica presente. Portanto, para o escritor que eu sou, não se trata de <<recuperar>> o passado, e muito menos de querer fazer dele lição do presente. O tempo vivido (e apenas ele, do ponto de vista humano, é tempo de *facto*) apresenta-se unificado ao nosso entendimento, simultaneamente completo e em crescimento contínuo. Desse tempo que assim se vai acumulando é que somos o produto infalível, não de um inapreensível presente. (SARAMAGO, 1998, p. 490-491, grifos do autor).

Nos *Cadernos*, o “produto infalível” pode ser entendido como o espaço da memória reconstituído por meio dos relatos cotidianos povoados de lembranças em que, segundo Assmann (2011), no âmbito da recordação, prevalece o sentido de ‘potência (*vis*)’ em que se realiza um deslocamento entre o que foi arquivado e sua recuperação, ou seja, o ato de recordar não é deliberado e se integra às experiências pessoais, assim:

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrando até o momento de sua recuperação. (ASSMANN, 2011, p.33-34).

Dessa forma, na configuração dos *Cadernos*, o que se estabelece é uma narrativa do ‘eu’ diferenciada, pois não é possível destituí-la da criação subjetivada pela memória do autor e, ao mesmo tempo, nela está contida a veracidade de uma vida por sua condição autobiográfica, como aponta Saramago em 2 de fevereiro de 1995: “Por muito que se diga, um diário não é um confessional, um diário não passa de um modo incipiente de fazer ficção” (SARAMAGO, 1998, p.471). Assim, percebe-se neste “modo incipiente de fazer ficção” a composição subjetivada dos aspectos autobiográficos resgatados pelo que se recorda durante o relato atual, ou seja, a consolidação do espaço da memória.

No caso mais específico dos escritores de obras ficcionais que se enveredaram pelos caminhos da composição diarística, caracteriza-se um compromisso que, muitas vezes, está relacionado às lembranças de aspectos presentes em suas obras, como coloca o autor em 13 de janeiro de 1995:

A experiência pessoal e as leituras só valem o que a memória tiver retido delas. Quem tenha lido com alguma atenção os meus livros sabe que, para além das histórias que eles vão contando, o que ali há é um contínuo trabalho sobre os materiais da memória, ou, para dizê-lo com mais precisão, sobre a memória que vou tendo daquilo que, no passado, já foi memória sucessivamente acrescentada e reorganizada, à procura de uma coerência própria em cada momento seu e meu. Talvez essa desejada coerência só comece a desenhar um sentido quando nos aproximamos do fim da vida e a memória se nos apresenta como um continente a redescobrir. (SARAMAGO, 1998, p. 457-458).

Em 11 de fevereiro de 1994, ao receber o prêmio pela adaptação de *In Nomine Dei*, obra teatral lançada em 1993, o autor reacende a importância da memória em sua representatividade quando diz que: “Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir (SARAMAGO, 1998, p.237). Essa memória que se revela em seus diários compõe a sua identidade e um processo de autorrevelação por meio da escrita em que, de acordo com o pensamento de Lejeune: “O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2008, p. 262).

No contexto dos diários, o teor ficcional consolida-se por meio das recordações que, muitas vezes, são suscitadas pela emoção ou por sentimentos diversos e, por isso, subjetivadas em sua reconstituição compondo uma possível leitura sobre o que se entende por realidade, como afirmou o autor, em uma conferência que apresentou em 10 de março de 1994 e que chamou de *Leituras e Realidades*: “o que quis dizer foi que, não podendo saber o que é, *realmente*, a realidade, o que vamos fazendo são meras ‘leituras’ dela, ‘leituras de leituras’, infinitamente. Arte e Literatura são ‘leituras’” (SARAMAGO, 1998, p.246, grifos do autor). Dessa forma, consolida-se a integração do espaço literário no campo da memória como configura Pereira: “A memória desvela-se, desse modo, como um caleidoscópio incessante e complexo, no qual o texto literário apresenta-se como um potente participante, ao contribuir para o movimento permanente de reconstrução das vias organizadoras de memórias” (PEREIRA, 2014, p. 345). No passado suscitado pelas lembranças aparece como uma forma de retomar suas origens e reconstituí-las, por isso, a importância em trazê-lo na sua figura de menino:

As autobiografias geralmente são relatos sobre a vida adulta, mas a mim interessa-me reconstituir pela memória o mundo daqueles anos e a criança que nesses anos cresceu. Digo às vezes que não concebo nada tão magnífico e tão exemplar como irmos pela vida levando pela mão a criança que fomos, imaginar que cada um de nós teria de ser sempre dois, que fôssemos dois pela rua, dois tomando decisões, dois diante das diversas circunstâncias que nos rodeiam e provocamos. Todos iríamos pela mão de um ser de sete ou oito anos, nós mesmos, que nos observaria o tempo todo e a quem não poderíamos defraudar. [...] Creio que indo pela vida dessa maneira talvez não cometêssemos certas deslealdades ou traições, porque a criança que nós fomos nos puxaria pela manga e diria: “Não faça isso”. Evidentemente, isto é uma fantasia de escritor, que para isso é que os escritores servem, mas ao mesmo tempo poderia ser uma filosofia de vida. (SARAMAGO, 2013, p. 46).

Assim, pode se perceber a intenção do autor em explorar suas lembranças da infância e adolescência as quais, muitas vezes mencionadas nos diários, já revelam o intuito de criar uma obra com esse perfil e vai, gradativamente, tornando inspiração para a sua futura produção como aponta ao justificar essa relação com a escrita dos *Cadernos*: “Bem vistas as coisas, sou só a memória que tenho, e esta é a história que conto” (SARAMAGO, 1998, p. 27). Dessa maneira, a discussão que se propõe evidencia alguns pontos marcantes desse caminho entre diário e memória, mais precisamente, resgatando nos relatos cotidianos a figuração criativa do livro de memórias que se faz impulsionada pelas acentuadas lembranças do autor sobre sua infância e adolescência, ou seja, como se registram nos *Cadernos* algumas recordações integradas à criação de *As Pequenas Memórias*.

### **Do Livro das Tentações para As Pequenas Memórias**

Nos registros cotidianos dos *Cadernos* é recorrente as referências sobre os momentos de inspiração literária em que Saramago nos propicia uma rica experiência sobre o seu processo de criação ficcional. No caso específico da relação entre suas recordações e a composição de uma obra memorialística, o autor faz suas primeiras referências ao pretendido *Livro das Tentações* e à sua intenção de retomar a infância pelas rédeas das lembranças, como assim registra em 19 de agosto de 1993:

[...] passo com toda facilidade destes *Cadernos*, também destinados a serem livro, ao *Ensaio sobre a Cegueira*, e deste ao *Livro das Tentações*, embora, no último caso, se trate mais de registrar, por enquanto sem grande preocupação de sucessão cronológica (porém, com um irresistível frenesim), casos e situações que, *postos em movimento por uma potência memorizadora* que me assombra por inesperada, se precipitam para mim como se irrompessem de um quarto escuro e fechado onde, antes, não tivessem podido reconhecer-se uns aos outros como passado de uma mesma pessoa, esta, e agora se descobrem, cada um deles, condição do outro, e, todos eles, de mim. E o mais assombroso é a nitidez com que, letra a letra, se estão reconstituindo na minha cabeça as palavras e os rostos, as paisagens e os ambientes, os nomes e os sons desse tempo longínquo que foi o da minha infância, da minha meninice, até à puberdade. (SARAMAGO, 1998, p. 104-105, grifos nossos).

Pelos registros dos seus diários, Saramago menciona *O Livro das Tentações*, pensando em 1993, que veio a se transformar na obra *As Pequenas Memórias*, publicada em 2006, na qual o autor resgata suas primeiras lembranças da infância até a adolescência. Assim, inicialmente, o título e as pretensões de compor o regaste das memórias eram outros, sendo a inspiração o quadro de Hyeronimus Bosh sobre as *Tentações*<sup>2</sup> com a imagem de Santo Antão, com o qual o autor

---

2 Ascensão e queda de Santo Antão: “este painel corresponde ao primeiro momento das tentações. Assim, na parte superior da imagem o Santo é levado pelos céus por demónios. Num segundo momento Santo Antão é amparado por dois religiosos e por um leigo, vestido de vermelho escuro. Sob a ponte de madeira, três monstros lêem uma carta enquanto outra figura que patina no gelo se prepara para

deparou-se no museu da Universidade de Yale em 25 de abril de 1994, e fez o seguinte registro: “[...] fui lá encontrar uma pintura mais para colocar no meu museu particular do <<quadro mais belo do mundo>>: um *Santo Antão tentado pelo Diabo* do Mestre da Observância, que andou a pintar em Siena pelos meados do século XV”(SARAMAGO, 1998, p. 544, grifos do autor). Nas reminiscências narradas em *As Pequenas Memórias*, o autor revela essa relação com *O livro das Tentações* como título inicial da obra, pretendendo “mostrar que a santidade, essa manifestação ‘teratológica’ do espírito humano capaz de subverter a nossa permanente e pelos vistos indestrutível animalidade, perturba a natureza, confunde-a, desorienta-a”(SARAMAGO, 2006, p. 32), e presumindo que mesmo as similaridades de suas tentações de ser mundano com as de Santo Antão não caberiam a “[...] um simples repositório de recordações a que, obviamente, conviria um título mais proporcionado [...]”(SARAMAGO, 2006, p.34), proclamou o título oficial: “[...] Terá sido então por essa razão que este livro mudou de nome e passou a chamar-se *As Pequenas Memórias*. Sim, as memórias pequenas, de quando fui pequeno, simplesmente” (SARAMAGO, 2006, p.34). Dessa forma, ainda embrionária nos *Cadernos*, a ideia de uma obra especificamente de memórias aparece sobrepondo o desejo das revelações íntimas de um jovem e, gradativamente, transforma-se na vontade inerente de traduzir as primeiras recordações de sua origem e de seus familiares.

Nesse sentido, o que temos em *As Pequenas Memórias*, demarcando sua possibilidade de criação nos *Cadernos*, é a construção memorialística compreendida entre o período da infância até a adolescência, apresentando um diálogo entre a velhice e a juventude em que se reconfiguram as imagens do passado, como assim o autor apresenta nas suas primeiras abordagens de rememoração:

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que o foi, *estava* simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava, não dizia, nem pensava por estas ou outras palavras: “Que bela paisagem, que magnífico panorama, que deslumbrante ponto de vista!”.(SARAMAGO, 2006, p. 13, grifos do autor).

A experiência de recompor a escritura do passado aparece nas suas marcas de teor subjetivo reconstituindo recordações e reminiscências de uma memória de vida como revela o autor:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias dos episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes. (SARAMAGO, 2006, p.63).

---

lhes entregar outra. Mais à frente vemos um conjunto de figuras demoníacas, em trajes de religiosos, que caminham para uma construção cuja entrada é feita com o corpo de um homem ajoelhado, simbolizando um prostíbulo”. AS TENTAÇÕES de Santo Antão. Fonte: Wikipédia. 2017.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/As\\_Tenta%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Santo\\_Ant%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Tenta%C3%A7%C3%B5es_de_Santo_Ant%C3%A3o)

Nesse caminho, em muitos momentos dos diários, demarca-se a memória como fator essencial para reviver o passado, embora sempre tenha certa liberdade de se guiar pelas recordações mais sensíveis, ela se apresenta em confluência com o presente e vai delineando a reconstituição de uma história ou o que é lembrado e declarado sobre momentos vividos. Nesse âmbito, em um dos seus relatos iniciais dos *Cadernos*, datado de 7 de maio de 1993, o autor define essa relação com a memória que guia sua narrativa: “A memória é um espelho velho, com falhas no estanho e sombras paradas: há uma nuvem sobre a testa, um borrão no lugar da boca, o vazio onde os olhos deviam estar” (SARAMAGO, 1998, p.32). E, ainda, metaforicamente complementa esta ideia de inconsistência e reconstrução:

A memória é também uma estátua de argila. O vento passa e leva-lhe, pouco a pouco, partículas, grãos, cristais. A chuva amolece as feições, faz descair os membros, reduz o pescoço. Em cada minuto, o que era deixou de ser, e da estátua não restaria mais do que um vulto informe, uma pasta primária, se também em cada minuto não fôssemos restaurando, de memória, a memória. A estátua vai manter-se de pé, não é a mesma, mas não é outra, como o ser vivo é, em cada momento, outro e o mesmo. (SARAMAGO, 1998, p.32).

Essa intenção do autor aparece em muitos momentos de *As Pequenas Memórias*, tendo como um dos exemplos, as lembranças das paisagens de Azinhaga retomadas em um comentário inicial sobre um poema que escreverá: “Muitos anos depois, com palavras do adulto que já era, o adolescente iria escrever um poema sobre esse rio – humilde corrente de água hoje poluída e mal cheirosa – em que se tinha boiado e por onde havia navegado” (SARAMAGO, 2006, p.14). Dessa maneira, com o título de *Protopoema*, o autor transcreve no contexto do livro, integralmente, o longo poema configurando a fluidez da memória em imagens líricas como se segue:

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me parece solto./ Devagar o liberto, de medo que se desfça entre os dedos./ É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo./ É um rio./ Corre-me nas mãos, agora molhadas./ Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem./ continuo a puxar, não já memória apenas, mas próprio corpo do rio./ Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os barcos e o céu que os cobre, e os altos choupos que vagorosamente deslizam sobre a película luminosa dos olhos./ Nadam me peixes no sangue e oscilam entre duas águas como apelos imprecisos da memória./ Sinto a forçados braços e a vara que os prolonga./ Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e firme pulsar de coração./ Agora o céu está mais perto e mudou de cor./ É todo ele verde e sonoro porque de ramo em ramo acorda o canto das aves./ E quando num largo espaço o barco se detém, o meu corpo despido brilha debaixo do sol, entre o esplendor maior que acende a superfície das águas./ Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas da memória e o vulto subitamente anunciado do futuro./ Uma ave se nome desce donde não sei e vai pousar calada sobre a proa rigorosa do barco./ Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que as aves digam nos ramos por que são altos os choupos e rumorosas a s suas folhas./ então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem, sigo adiante para o fulvo remanso que as espadas verticais circundam./Aí, três enterrarei a minha vara até à pedra viva./ Haverá o grande silêncio primordial quando as mãos se juntarem às mãos./ Depois saberei tudo. (SARAMAGO, 2006, p.14-15).

Nesse poema de grande potencial metafórico, Saramago constitui em imagens eloquentes e sinestésicas uma interação entre a memória e o rio de sua infância enquanto o homem e o rio/natureza fundem-se em plenitude como se, assim, ele pudesse retomar a infância e nela viver tudo o que recorda. Sua transcrição nas páginas do livro de memórias corrobora para a profunda poeticidade que envolve as lembranças desveladas do mundo do menino/jovem aos olhos do homem vivido. Isso vai se evidenciar nas descrições intensas que eclodem na narrativa, como exemplo, na marcante referência ao avô Jerônimo, como se segue:

Cai a chuva, o vento desmancha as árvores desfolhadas, e dos tempos passados vem uma imagem, a de um homem alto e magro, velho, agora que está mais perto, por um carreiro alagado. Traz um cajado ao ombro, um capote enlameado e antigo, e por ele escorrem todas as águas do céu. À frente, caminham os porcos, de cabeça baixa, rasando o chão com o focinho. O homem que assim se aproxima, vago entre as cordas da chuva, é o meu avô. Vem cansado, o velho. Arrasta consigo setenta anos de vida difícil, de privações, de ignorância. E no entanto é um homem sábio, calado, que só abre a boca para dizer o indispensável. Fala tão pouco que todos nos calamos para o ouvir quando no rosto se lhe acende algo como uma luz de aviso. Tem uma maneira estranha de olhar para longe, mesmo que esse longe seja apenas a parede que tem na frente. (SARAMAGO, 2006, p. 119).

No caso dos *Cadernos*, a construção da memória é um processo de elaboração que depende das circunstâncias envoltas no momento da escrita como se pode retomar pelo pensamento de Bergson ao apontar a questão das formas do passado sobreviverem na ordenação da memória, como afirma:

Com isso, a operação prática e conseqüentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. (BERGSON, 1999, p.84).

Essa relação entre o espírito e as circunstâncias, referida por Bergson, é percebida nos registros dos *Cadernos*, principalmente no *Diário IV*, referente ao ano de 1996, quando Saramago mergulha no passado para compor as lembranças do seu irmão Francisco que morreu em idade precoce, fazendo ressurgir esse fato para integrá-lo às páginas do pretendido *Livro das Tentações*. Fato que se concretizará quase uma década depois na obra *As Pequenas Memórias*. Esse mergulho no universo de recordações do passado flui gradativamente, por meio, do desejo de saber mais sobre a passagem do irmão pela vida e, ao mesmo tempo, reencontrar a si mesmo nesse contexto, como afirma no diário em data de 18 de junho de 1996:



Quando apareci na Azinhaga, já havia na casa onde comecei a vida um menino chamado Francisco, nascido dois anos antes. O pobrezinho veio a morrer passado pouco tempo, por isso não cheguei a sentir-lhe a falta, tanto mais que a família, depois, quase deixou de falar dele: o meu pai nunca, e a minha mãe só para me dizer, em ocasiões que eu achava mal escolhidas, que o Chico tinha faces coradíssimas, ao contrário das minhas, que sempre puxaram para o pálido. Não esperava eu que este longínquo e esquecido irmão me aparecesse de repente nas primeiras linhas do *Livro das Tentações* (e deveria tê-lo pensado, porque, na verdade, era, como agora se diz, incontornável...), impedindo-me de seguir diante enquanto não deixasse no relato notícia de sua curta vida. Percebi então que não sabia nada dele, nem sequer as simples datas do seu começo e do seu acabar: para mim, era só o Chico das faces coradas, como de facto é fácil acreditar que as teve olhando um retrato seu, empalidecido (ele, sim) pelo tempo, que, apesar de tantas mudanças e andanças, ainda hoje conservo. (SARAMAGO, 1999, p.159-160).

Em *As Pequenas Memórias*, assim coloca: “Quando há muitos anos me veio a ideia de escrever as recordações e experiências do tempo em que era pequeno, tive logo presente que deveria falar da morte (já que tão pouca vida teve) do meu irmão Francisco” (SARAMAGO, 2006, p.113). Esse desejo “incontornável” de saber mais sobre o nascimento e morte do irmão desenrola-se nos relatos dos *Cadernos* desenterrando lembranças da própria história do autor, como registra em 26 de junho de 1996:

Telefonaram-me do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Ainda não conseguiram descobrir o registro do internamento e do falecimento de meu irmão Francisco, mas encontraram o que nunca tinha pensado pedir-lhes: o meu próprio registro, de uma vez que lá estive internado. É no Instituto Câmara Pestana, precisamente, que se situa aquela que é a *terceira recordação mais antiga da minha infância*: eu no isolamento, olhando os meus pais por detrás do vidro de separação, a brincar com uma casca de banana, movendo-a como se se tratasse de um abano. (SARAMAGO, 1999, p. 163, grifos nosso).

O passado retomado nos relatos do presente é consolidado pelas inquirições do autor sobre os fatos que demarcaram a história de seu irmão e a sua própria história no momento de registro do diário, conseqüentemente, como base da construção memorialística que se justifica nas palavras de 27 de agosto de 1996:

Prossegue o mistério da morte de meu irmão Francisco. Julgava eu, recordando o que tantas vezes ouvi dizer a minha mãe, que ele tinha sido internado, sofrendo difteria, no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, onde viria a falecer, mas o Instituto, depois de buscar nos arquivos informa-me de que nenhum Francisco Sousa filho dos nossos pais deu ali entrada. Teria, afinal, morrido em casa? Se assim foi, como é possível não ter eu conservado qualquer recordação do lutuoso acontecimento, por muito criança que fosse então? Teria ido morrer noutro hospital? [...] Que passo deverei dar agora? Pedir a alguém que percorra por mim os labirintos arquivísticos dos cemitérios de Lisboa, à procura de um Francisco Sousa que parece não querer aparecer? (SARAMAGO, 1999, p. 207).

Em 27 de setembro de 1996, o autor descreve suas tentativas para descobrir os registros de morte do irmão enfatizando o desejo futuro do livro de memórias, como se segue:

Ando, desde há meses, às voltas com uma questão que só para mim tem importância: averiguar a data do falecimento do meu irmão Francisco de Sousa, que nasceu a 28 de Outubro de 1920, em Azinhaga, concelho de Golegã, e morreu de difteria, em Lisboa, num qualquer dia de 1923 ou 1924, ou mesmo 1925[...]. Eu sei que parecerá um trabalho com muito de gratuito (que importa agora saber a data exacta em que morreu um miúdo há mais de 70 anos?), mas o que me leva a pedir a tua ajuda tem que ver com *O Livro das Tentações*, onde inevitavelmente devo falar desse Francisco de Sousa de quem não me lembro: tal como estão as coisas agora, é como se eu tivesse um irmão imortal. (SARAMAGO, 1999, p. 226-227).

Enfim, em 8 de novembro de 1996, ocorre a revelação sobre onde foi sepultado o irmão interligando os afetos do passado à coincidência de ser onde estava enterrado o já mencionado avô Jerônimo, tão presente em sua vida. A referência, nos relatos cotidianos, àqueles que se foram é considerada pelo autor como uma necessidade para trazê-los pela memória em sua escritura, como descreve:

Enfim, decifrou-se o mistério. O Chico – o meu irmão Francisco – faleceu às 18 horas do dia 22 de dezembro de 1924, no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, e foi enterrado às 16:35 horas do dia 24 de dezembro, véspera de Natal. Tinha quatro anos e dois meses. Não morreu de difteria, ou garrotilho, como julgava minha mãe, mas de broncopneumonia [...]. Investigaram-se os arquivos de seis cemitérios e o registro dele estava no cemitério de Benfica, o mesmo cemitério, precisamente, onde, vinte quatro anos mais tarde, viria a ser sepultado o nosso avô Jerónimo, aquele inesquecível velho que, pressentindo que não voltaria da viagem que o levava da Azinhaga a um hospital de Lisboa, se despediu das árvores do seu pobre quintal, uma por uma, abraçando-se a elas, a chorar. *Alguém, mais sensível, dirá que há demasiados mortos nesta página.* Talvez tenha razão, mas escrever sobre eles é a maneira, a única que está a meu alcance, de os conservar neste mundo por mais algum tempo ainda. Quem falaria hoje do meu irmão Francisco, se eu não estivesse aqui? Quem imaginaria, se não existisse eu para contá-lo, que aquele avô Jerónimo Melrinho, analfabeto, tosto guardador de porcos, homem de silêncios, tinha um tão grande coração? *Também é para o dizer que vivo.* (SARAMAGO, 1999, p.247, grifos nossos).

O irmão torna-se o motivador para escavações do passado e inspiração para o livro de memórias e, depois, para a obra ficcional *Todos os Nomes*, como assim coloca o autor em 22 de novembro de 1996: “Digamos que o Francisco de Sousa, falecido na idade de quatro anos e dois meses, será co-autor de um livro que começou a ser escrito setenta e dois anos depois de sua morte” (SARAMAGO, 1999, p. 259). Especificamente sobre a inspiração de *Todos os Nomes*, ainda relata o seguinte em 21 de setembro de 1996:

Esta manhã ainda deitado na cama, entre as névoas do primeiro despertar, tal como se na minha frente fossem flutuando peças soltas de um mecanismo que, por si mesmas, procurassem os seus lugares e se encaixassem umas nas outras, comecei a distinguir, de um extremo a outro, o desenvolvimento do enredo de *Todos os Nomes* [...]. Estava a pensar, de um modo vago, sonolento, nos esforços que tenho feito para encontrar a pista do meu irmão, e de repente, sem qualquer relação aparente, começaram a desfilar-me na cabeça as personagens, as situações, os motivos, os lugares de uma história que não chegaria a existir (suponho que a virei a escrever) se o óbito do Francisco de Sousa tivesse sido registrado na Conservatória de Golegã, como deveria. (SARAMAGO, 1999, p.222).

Dessa forma, esses caminhos transcritos nos *Cadernos* são retomados entre as tantas recordações de *As Pequenas Memórias*, ao mesmo tempo em que consolidam o desejo do autor em conhecer e homenagear o irmão com o qual teve pouca convivência, concluindo essa busca, anos depois, em seu livro de memórias:

O Francisco morreu no dia 22 de Dezembro, às quatro horas da tarde, e foi enterrado no cemitério de Benfica no dia 24, quase à mesma hora (triste Natal foi aquele para os meus pais). A história do Francisco, porém, não se acaba aqui. Sinceramente, penso que o romance *Todos os Nomes* talvez não tivesse chegado a existir tal como o podemos ler, se eu, em 1996, não tivesse andado tão enfiado no que se passa dentro das conservatórias de registo civil. (SARAMAGO, 2006, p. 114-115).

Essa relação entre diário e memórias, na obra de Saramago, permite a conjugação de três épocas distintas em um mesmo enfoque tendo, primeiro, os fatos que envolvem a história do irmão do nascimento em 28 de Outubro de 1920 ao falecimento em 22 de dezembro de 1924, depois, no ano de 1996, os registros dos *Cadernos* quando busca por informações sobre o irmão e, finalmente, no ano de 2006, as lembranças registradas com a publicação de *As Pequenas Memórias*. Ocorre um diálogo memorialístico em um espaço biográfico integrando as reflexões de uma época remota transcritas nos diários e já predestinadas para o futuro no, ainda, prematuro livro de memórias, condizente com o que Arfuch aponta:

Assim, a noção de *espaço biográfico* tenta dar conta de um terreno em que as formas discursivo-genéricas clássicas começam a se entrecruzar e hibridizar, a categoria de *valor biográfico* adquire um novo caráter de protagonista no traçado narrativo que dá coerência à própria vida; e a apelação a uma referencialidade estável como ponto de ancoragem é deslocada em relação às diversas estratégias de autorrepresentação. (ARFUCH, 2010, p. 10-11).

A conexão que se estabelece entre os *Cadernos* e *As Pequenas Memórias* compõe uma forma de escrita autobiográfica em que o autor transita em seus momentos de vida e, ao mesmo tempo, recondiciona sua própria história interligando épocas e motivações. A reconstrução da memória como espaço da autorreferencialidade nos diários de Saramago é essencialmente demarcada pela retomada de suas origens familiares e da sua infância, configurando uma história narrada pelo homem que a relembra no momento presente. De acordo com Bergson:

Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora. (BERGSON, 2006, p. 47-48).

Desse modo, o que se estabelece em alguns momentos marcantes dos *Cadernos* de Saramago é uma dinâmica entre a composição diarística por meio da interação com o espaço da memória integrando o passado e o presente. As lembranças ou as recordações que se comprazem nos relatos cotidianos corroboram para o teor autobiográfico configurando a memória como parte relevante de toda e qualquer história de vida, como aponta em 18 de fevereiro de 1997:

Perguntar-se-á a quem poderão interessar essas miudezas? Só a mim, evidentemente. Em todo o caso, pergunto-me se haverá alguma coisa nas vidas de todos nós que mereça que lhe chamemos miudeza, ou se, pelo contrário, tudo importa, tudo conta, *e somos nós que geralmente não suportamos levar carga demasiada às costas da memória*. (SARAMAGO, 1999, p. 315, grifos nossos).

Saramago, nesse caminho, consolida essa ânsia humana de se fazer representado por sua história enfatizando a importância de recompô-la pela memória e representando as peculiaridades de cada existência e a essência de cada ser.

### **Considerações Finais**

Nos cinco anos de registros cotidianos dos dois volumes dos *Cadernos de Lanzarote*, ou os Diários I ao V, Saramago propicia inúmeras possibilidades de envolvimento com sua obra permitindo amplas discussões teóricas. A abordagem proposta nesse artigo resgata uma dessas possibilidades em um breve estudo sobre a relação diário e memória que interliga aos registros de vida do autor, ao universo das lembranças e da criação da obra *As Pequenas Memórias*. Assim, destacando os relatos diarísticos em que o autor, nos seus mais de setenta anos, recorda sua infância e adolescência por meio do que se caracteriza como o espaço da memória quando dialoga com a criação e concretização da obra que se efetivará em 2006, quatro anos antes de sua morte. Partindo dos *Cadernos*, verificou-se uma intersecção entre passado, presente e futuro caracterizando o espaço autobiográfico em uma narrativa guiada pela subjetividade da memória em que se revelam alguns aspectos do universo pessoal e criativo do autor José Saramago.

### **Referências**

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe (coord.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AS TENTAÇÕES de Santo Antão. In: **Wikipédia**. 2017. Disponível em:

< [https://pt.wikipedia.org/wiki/As\\_Tenta%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Santo\\_Ant%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Tenta%C3%A7%C3%B5es_de_Santo_Ant%C3%A3o) > . Acesso em: 31 maio 2018.

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henry. **Memória e Vida**: Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos).

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Org. de Jovita M<sup>a</sup> Gerheim Noronha. Trad. Jovita M<sup>a</sup> Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito** – a escrita autobiográfica na América hispânica. Tradução Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. In: **SOLETRAS** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, jul.- dez, 2014, pp.344-355.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

SARAMAGO, José. **As Pequenas Memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAMAGO, José. **Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo**. Belém: EdUFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.